

IMAGEM SENSÍVEL DA ORDEM HUMANA

Wilton Garcia

Artista visual, Doutor em Comunicação pela ECA/USP e Pós-Doutor em Multimeios pelo IA/UNICAMP. Professor da Fatec-Itaquaquecetuba e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso. Auto do livro *Feito aos poucos* (2013), entre outros. Email: wgarcia@usp.br e www.wilton.garcia.zip.net

Resumo

Este texto oferece uma leitura crítico-conceitual sobre a imagem sensível da ordem humana. O *corpus* aqui é uma fotografia, da internet, sem seus dados (autoria, dimensão, técnica, título etc.). Do ponto de vista da comunicação, a dinâmica da cultura digital articula, estrategicamente, a informação para o(a) usuário-interator(a), na condição adaptativa de atualização entre experiência e performance. Para tal proposta, os *estudos contemporâneos* servem de base teórico-metodológica, a entrelaçar arte, comunicação e design. O resultado deste debate ressalta aspectos econômicos, identitários, socioculturais e políticos.

Palavras-chave: Comunicação; Estudos Contemporâneos; Fotografia; Imagem.

Resumen

Este texto ofrece una lectura crítica-conceptual de la imagen sensible de la orden humana. El *corpus* aquí es una fotografía, de la Internet, y sin los datos (autor, tamaño, dimensión, técnica, título etc.). Desde el punto de vista de la comunicación, la dinámica de la cultura digital articula estratégicamente la información para el(la) usuario-interactor(a), la condición de refresco adaptativo entre la experiencia y la performance. Para esta propuesta, los *estudios contemporáneos* sirven como base teórica y metodológica en tanto que se entrelazan el arte, el diseño y la comunicación. El resultado de este debate pone de relieve los aspectos de identidad, económicos, socioculturales y políticos.

Palabras clave: Comunicación; Estudios Contemporáneos; Fotografía, Imagen

Abstract

This text offers a critical-conceptual reading of the sensitive imaging of the human order. The *corpus* here is a picture of the internet, without your data (author, size, technique, title etc.). From the point of view of communication, the dynamics of digital culture articulates strategically the information to the user-interactor, the adaptive refresh condition between experience and performance. For this proposal, *contemporary studies* serve as theoretical and methodological basis while intertwining art, communication and design. The result from this debate underscores economic, identity, sociocultural and political aspects.

Keywords: Communication; Contemporary Studies; Photography; Image

*El avance de la tecnología
de las comunicaciones
han votatilizado las fronteras e
instalado la aldea global,
donde todos somos, por fin,
contemporáneos de la actualidad,
seres intercomunicados.*
(VARGA-LLOSA, 2012, p. 220)

Do registro da imagem de um animal, um bisão, na parede da caverna ao pixel do computador muita coisa mudou no processo civilizatório. O domínio da imagem ultrapassa a mera representação formal de visualidade. Tal panorama remete aos desafios de atualização no modo de Ser/Estar entre sujeito e natureza. Ou seja, a eminência da imagem coloca em xeque o(a) observador(a) e sua respectiva observação de eixos intercomunicativos, conforme afirma Vargas-Llosa (2012) na epígrafe acima.

Este texto oferece uma leitura crítico-conceitual sobre a imagem sensível da ordem humana. Verifica-se a relação entre natureza e cultura, as quais estabelecem a passagem inteligível à produção de conhecimento e subjetividade. Eis uma preocupação que tange uma perspectiva visual.

Do ponto de vista da comunicação, a dinâmica da cultura digital articula, estrategicamente, a informação, nesse caso imagética, para o(a) usuário-interator(a), na condição adaptativa de atualização entre experiência e performance. Mais que efeitos, a imagem produz uma mensagem eficaz.

Aqui, os *estudos contemporâneos* (BAUMAN, 2013; CANCLINI, 2008; EAGLETON, 2012; GUMBRECHT, 2010; 2012; HALL, 2003; MATURANA, 1997; VILLAÇA, 2011) servem de base teórico-metodológica a entrelaçar, interdisciplinarmente, arte, comunicação e design. Esses estudos aproximam os estudos culturais e as tecnologias emergentes, a fim de prever premissas acerca da atualização e da inovação, sobretudo na inscrição do consumo no inseparável binômio mercado-mídia. Destaca-se a força da escritura visual, em sua intensidade provocativa, a desafiar os limites da representação.

Nesse caso, o *corpus* de leitura apresenta uma fotografia, da internet, sem seus dados (autor, dimensão, técnica, título etc). Tal ausência de dados remete a uma disposição eloquente, cujas tecnologias emergentes pressupõem diferentes modos de produção e circulação da informação.

Então, como discorrer sobre tamanha complexidade da imagem hoje?

Imagem/Premissas

O que observo não significa, necessariamente, que enxergo. Ou melhor, o que tento considerar diante de determinado campo de visão pode não refletir os fatos de modo verdadeiro. Da realidade à virtualidade, há espaços fecundos a serem preenchidos com a informação que vaga, por exemplo, mediante a cultura digital. Como extensão das inovações que surgem entre plataformas digitais, aplicativos tecnológicos ou programas computacionais, atualizar a informação, agora, torna-se um movimento constante, capaz de ressignificar a representação e seus referentes. A maneira de produzir uma imagem *per se* instiga o(a) fotógrafo(a) a uma experiência diferente, com o entorno versátil de ambientações turbulentas. Canclini (2008, p. 30) admite:

os novos meios [tecnológicos] geram desafios para os quais a maioria dos cidadãos não foi treinada: como usar o software livre ou proteger a privacidade no mundo digital, o que fazer para que as brechas no acesso não agravem as desigualdades históricas entre nações ou etnias, campo e cidade, níveis econômicos e educacionais?

A questão da representação visual e seus referentes a(di)cionam, estrategicamente, as proposições enunciativas. Uma experiência (de)marcada por adversidades elege o plural, o múltiplo. Notadamente, o fluxo perene de imagens no contemporâneo perpassa as malhas da cultura digital. Das possibilidades que ressaltam a produção de qualquer esfera não verbal instaura-se a capacidade comunicativa do sujeito enunciar seus interesses. Tanto um realizador quanto um espectador são reféns da expressão do campo visual, inerente aos paradoxos que equacionam o mostrar (revelar) e o esconder (velar) da informação – ver o invisível (BRISSAC, 2007). Trata-se de uma lógica pontual entre a codificação e a decodificação no empreendimento da linguagem e o código visual, aqui denominado imagem, em consonância com o código hipermidiático, portanto, sincrético.

Como artista visual e pesquisador, investigo a imagem (cinema, desenho, fotografia, pintura), ao examinar enlaces poéticos (do fazer-saber e vice-versa) que aproximam arte, comunicação e design diante da cultura digital. Considero a flexibilidade recorrente no modo de propor uma imagem contemporânea, por parte de quem produz, bem como o modo de perceber, por parte de quem a observa o ambiente e seu posicionar-se sobre o objeto.

As artimanhas de uma organização estratégica da imagem convida o(a) observador(a) à dinâmica de um olhar flexível, transversal, capaz de (re)articular deslocamentos dos paradigmas pretendidos pela intervenção da câmera fotográfica. São escritas intersubjetivas que compreendem a ordem humana, para além do maquínico-tecnológico. Isso (re)configura uma experiência diferenciada pela emergência impactante da cultura digital.

Ver/ler a imagem torna-se reflexo de uma compreensão de mundo virtualizado, via expressão iconográfica do digital, que transforma coisas, objetos e contextos. Nessa perspectiva, o(a) observador(a) da imagem depara-se diante do inusitado efeito digital – que não escapa aos olhos – a ativar experiências recorrentes, em contraponto às tecnologias emergentes.

Esse tipo de postura desestabiliza a lógica reguladora, formal, do sistema hegemônico, porque “mexe” com o(a) outro(a) e, assim, provoca uma inquietação – necessária para se refletir a respeito do elemento visual. Portanto, a comunicação material instaura-se com a presença (GUMBRECHT, 2010, 2012) e o testemunho. O que o(a) observador(a) é capaz de indagar na extensão do pensamento visual (FABRIS, 2004).

Pensar seria, então, uma atividade subjetiva do cotidiano, em que se questiona o viver e seus paradoxos (contradições, expectativas, temores etc.), distribuídos entre a realidade, a verdade e a existência humana a partir da imagem. Esta última – na sua forma de se estabelecer, em uma cena específica – transforma-se em conteúdo da mensagem para produção de resultados e consequente leitura. Pensar requer iniciativa. Mais que isso, solicita atenção percepto-cognitiva para a fruição eficiente de resultados. O pensar visual, portanto, elege as artimanhas do figural, do icônico, do gráfico, a traduzir um extravagante movimento de culturalização digital na sociedade contemporânea, em um vigor expressivo.

Nesse contexto, a inscrição da visualidade surge em sua máxima expressão visual, mediante os aparatos/dispositivos das tecnologias emergentes. Todavia, o exercício de mediação dessa fotografia, sugerida para leitura, assinala uma documentação efervescente à dinâmica do registro de um sofrível cotidiano na perene ordem humana. Enfatizo que tal exploração da ima-

gem mostra a fragilidade humana.

Leitura/Impressões

Ao eleger a fotografia deste ensaio fica a sensação de poder ponderar a realidade humana, em um fio de navalha cortante – algo perigoso que impregna na alma. Tal retrato parcela o sujeito da cena com aquele(a) que a observa. Evidencia-se o inusitado. Isso posto, confirma-se uma imagem singular, pontual, porque faz o(a) observador(a) questionar a vida.

Por um lado, a ordem humana vigora sobre o sujeito e sua subjetividade e disso surge a imagem. A experiência do viver não consegue dar conta da desenfreada caça por resultados, poder, enfim o inevitável acerto monetário. Na cadeia produtiva das mercadorias, alguém produz, mas necessariamente não consegue consumir. A impossibilidade de usufruir determinado produto despotencializa o sujeito e propicia situações adversas.

Por outro, as posições do mercado-mídia, cada vez mais, somam forças para atingir seu objetivo específico: a incansável busca pelo lucro. Empresários e governantes, permanentemente, não demonstram outro pensamento, senão o objetivo certo de exaltar a lucratividade. Dessa máxima profissional (mercantil), o lucrar estabelece a rentabilidade frequente no sistema capital, como retorno – dito “positivo” – de investimento.

Conforme Bauman (2013, p. 24), longe da solidariedade humana,

Se o Estado de bem-estar social agora carece de recursos, desmorona ou é mesmo ativamente desmantelado, é porque as fontes do lucro capitalista flutuaram ou foram levadas da exploração da *mão de obra* fabril para a exploração dos *consumidores*; e porque os pobres, privados dos recursos necessários para responder às seduções do mercado de consumo, precisam de dinheiro e linhas de crédito (que não são os tipos de serviços fornecidos pelo “Estado de bem-estar social”) para ter uma “utilidade” segundo a compreensão desse termo por parte do capital do consumo.

Portanto, as dificuldades e os enfrentamentos não são poucos para os menos favorecidos, pois os recursos atingem somente os mais afortunados com seus smartphones, notebooks, tablets digitais ou videogames de última geração. Nota-se que a sociedade tem avançado, significativamente, enquanto reflexo da condição humana. Um conjunto expressivo de transformações foi realizado pela humanidade. No entanto, continua a repetir os horrores da desumanização mediante a concorrência abrupta no mercado-mídia. Contra o(a) outro(a), oprime violentamente com a exclusão.

Assim, o mercado-mídia cita ações sociais – de meio ambiente, ecologia, responsabilidade social e/ou sustentabilidade – como projeto, apenas, de discursivo estratégico a favor de resultados lucrativos. Tal desfecho contemporâneo, nem tão legítimo, impera sobre a voracidade imediata do capital que assola quem está em desvantagem.

De acordo com Canclini (2008, p. 37):

Uma ocasional exaltação não modifica a assimetria, nem a desigualdade estrutural entre uns e outros, ainda mais difíceis de superar nas condições de empobrecimento e retração dos investimentos culturais nas nações periféricas. [...] a criatividade passa a ser valorizada, no sentido mais amplo, não só enquanto produção de objetos ou formas novidadeiras, mas também como capacidade de resolver problemas e explorar recursos de modos inéditos. A informação e a invenção como bases da produtividade e a expansão dos serviços: aos homens e mulheres de negócios, aos engenheiros e técnicos pede-se que transcendam a rotina do que é feito em série. A criatividade aparece menos como uma virtude profissional (de artistas, escritores e cientistas) ou um dom de aristocratas; ela se anuncia como uma virtude para a geração do valor no trabalho

e no prazer pessoal.

Conseqüentemente, há uma abrupta situação econômico-financeira que fortalece a desigualdade social no capitalismo. Tal situação transfere os valores em que os ricos, cada vez mais, estão abundantes, abastecidos de marcas, produtos e serviços, enquanto os pobres apenas trabalham com sua própria mão de obra, quiçá tentam atingir o consumo que alimenta o sistema capitalista. Por isso mesmo Eagleton (2013) anuncia que Marx estava certo.

Disso, a urgência do mercado-mídia visa a acelerar os efeitos de mensagens publicitárias, cuja propaganda e marketing reforçam o escopo de garantir a manutenção da desigualdade. Mediante tais circunstâncias, o que se observa na imagem deste texto tange o sujeito em uma expectativa de sobrevivência com criatividade. Há uma tentativa de substituir a falta.

Na ausência do referente cultural, o calçado, o sujeito presente na cena improvisa com o que tem, sem segurança ou conforto. Para tentar eliminar as dificuldades, esse sujeito reinventa a noção de calçado, com sua precária estratificação de miserável. A fotografia instaura, assim, um fragmento basilar do corpo humano, em um estado subalterno. Não seria o discurso do fracasso, porém o que mais chama atenção é a precariedade dos materiais utilizados. A fotografia traz uma mensagem muito clara: alguém não tem o mínimo para se viver.



Ilustração 1 – *Das sandálias de tiras africanas*

Fonte: http://rastrodalua.blogspot.com.br/2009_03_01_archive.html

Quarta-feira, março 04, 2009

A opulência desta imagem está no escândalo acentuado. A questão ética, aqui, amplia os significados, para além das instâncias técnicas e/ou estéticas, que complementam o debate. É uma imagem que grita uma voz ensurdecadora: pede socorro. Nela, o gesto é bruto. Sua profundidade explora a força enunciativa, a documentar terríveis conjunturas de alguém que ainda vive assim, apesar dos grandes avanços tecnológicos.

Dessa forma, um paradoxo (re)formula a ausência de sutileza. É uma cena cruel, pois sedimenta a denúncia da sobrevivência humana. A atmosfera da cena não é razoável, nem apaziguadora, com o(a) observador(a), porque mostra substratos esquecidos pela própria sociedade. Uma realidade cotidiana em comunidades carentes, mas que marca lugar.

Há um sujeito impregnado pela fotografia, com pés sujos, maltratados, em um chão de terra seca. São pés captados pela câmera fotográfica em primeiro plano, no centro do quadro. No campo visual, isso compõe, tecnicamente, uma simetria básica de lateralidades. O enquadramento privilegia um ângulo opressivo, vetorizado de cima para baixo, porque mostra direto o único elemento visual na cena – a carranca de pés quase machucados.

A pobreza ali é primeira. Ressalta, instantaneamente, aos olhos de quem observa. Só enxerga quem quer. Ou seja, seria admitir o que está escancarado. Mas, há a cegueira humana, pois há pessoa que inclusive não gostam de ver esse tipo de fotografia. As mazelas da sociedade equivalem de características que o *mainstream* tenta eliminar esse tipo de manifestação.

Eminentemente, a expectativa é trazer à tona uma situação pouco apontada ou debatida, muito menos visualizada, porque para o cânone do sistema hegemônico, talvez, não seria algo agradável de se ver. Mais que isso, seria a tentativa de reavaliar os modos de produção de valores e ideologias expostos pelo mercado-mídia. Da dominação efetiva das tecnologias emergentes e dos seus dispositivos digitais, confirma-se a incongruência com a realidade econômica, identitária, sociocultural e política da sociedade.

Para Eagleton (2013, p. 73)

As necessidades essenciais à nossa sobrevivência e ao nosso bem-estar, como estar alimentado, aquecido e abrigado, aproveitar a companhia dos outros, escapar da escravidão e do abuso e daí por diante, podem funcionar como uma base para a crítica política, no sentido de que qualquer sociedade que não satisfaça tais requisitos nitidamente está deixando a desejar. Podemos, é claro, levantar objeções a tais sociedades com base em argumentos mais locais ou culturais, mas dizer que elas violam algumas das exigências mais fundamentais da nossa natureza carrega ainda mais força. Por isso é um erro pensar que a ideia de natureza humana não passa de uma apologia do status quo. Ela também pode agir como um poderoso desafio a ele.

Da citação abordada pelo autor, a fotografia faz um aviso alarmante sobre esses pés, portanto, fortes para resistir aos enfrentamentos de um mundo pautado por atrocidades com o avanço tecnológico, de forma paradoxal. São pés de afrodescendentes que vivenciam a discriminação e o preconceito. E, sequer, alguns não têm oportunidade de expor seu pensar. Uma lamentável brutalidade contra os negros continua a existir no Brasil e no mundo.

Considerações finais

Na tarefa efetiva dessa leitura crítico-conceitual foi imprescindível relacionar experiências que compreendem o artista visual e o pesquisador, uma vez que o objetivo foi investigar uma imagem digital, abordada como fotografia na internet. Tal posicionamento dimensiona a aposta que se almeja. É um posicionamento entre outros tantos possíveis. Seria, então, apenas uma tentativa, o que não quer dizer que tenha dado conta, de fato. Portanto, tal empreendimento

intelectual não esgota com o olhar crítico, porque não chega à exaustão do objeto lido.

Por assim dizer, a expectativa foi auxiliar o(a) observador(a) a estabelecer, também, sua própria leitura, que a(di)ciona a produção de conhecimento como iniciativa que dialoga com referências teóricas e metodológicas dos estudos contemporâneos. Nesse fluxo, instaura-se um desafio estratégico, o *modus operandi*, de refletir acerca da imagem, que deflagra a linguagem visual.

Grosso modo, o resultado deste debate ressalta aspectos econômicos, identitários, socio-culturais e políticos. As resultantes apontam para os valores esquecidos dos Direitos Humanos. Do conceito ao mercado, deve-se priorizar experiência e subjetividade, que atualizam uma ideia de imagem. A fotografia exemplificada exprime uma realidade chocante.

Busco na intensidade dessa imagem, perante nossos olhos, encontrar os vestígios dos pés que caminham a galope, em uma brava jornada de pegadas firmes. Andanças do cotidiano. Quem abre os caminhos, logo vai à frente, é *Ogum*.



Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Das sandálias de tiras africanas. 4 mar 2009. Disponível em: http://rastrodalua.blogspot.com.br/2009_03_01_archive.html. Acesso em: 10 out 2013.

EAGLETON, Terry. *Marx estava certo*. Trad. de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

GARCIA, Wilton. *Feito aos poucos_ anotações de blog*. São Paulo: Factash/Hagrado Edições, 2013.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Trad. de Isabel Soares e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contracampo, 2010.

_____. *Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos*. Trad. de Luciana Villas Bôas e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto e EdPUC-Rio, 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Trad. de Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: EdUFMG, 1997.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Ética: vários autores*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 425-453

VARGAS-LLOSA, Mario. *La civilización del espetáculo*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Afaguara, 2012.

VILLAÇA, Nizia. *A periferia pop na idade mídia*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.